

ALEXANDRE FILORDI DE CARVALHO



1290000125



FE

TCC/UNICAMP C253L

LUZ E SOMBRA:

A MESMA FACE DA DINÂMICA AMOROSA

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Como exigência parcial para o curso de Pedagogia
Com Habilitação em Administração e Supervisão Escolar
Da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
Orientação da Prof^a Dr^a Clara Germana Sá Gonçalves Nascimento**

**Unicamp
Campinas, SP
1999**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA: YCC/UNICAMP
C253L
V:.....EX:.....
TOMBO: 125
PROC: 124/03
C:.....D:.....
PREÇO: R\$ 11,00
DATA: 31/10/2003
Nº CPD: 0932

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

C253L

Carvalho, Alexandre Filordi de.

Luz e sombra : a mesma face da dinâmica amorosa / Alexandre Filordi de Carvalho. -- Campinas, SP : [s. n.], 1999.

Orientador : Clara Germana Sá Gonçalves Nascimento.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Amor. 2. Sentimento. 3. Afeto. I. Nascimento, Clara Germana Sá Gonçalves. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dr^a Clara Germana Sá G. Nascimento
(Orientadora)

Dr^a Agueda Bernardete Bittencourt
(Segunda Leitora)

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
I. O Farol de onde se avista o amor: em busca de uma construção teórica.....	11
Conclusão.....	17
II. As faces do amor: uma possível compreensão da dinâmica amorosa.....	19
Conclusão.....	28
III. Pequeno Dicionário Amoroso: uma compreensão da dinâmica amar e amor.....	31
3.1 Uma Possível Compreensão da Dinâmica Amar - Amor.....	34
CONCLUSÃO.....	50
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	53
BIBLIOGRAFIA.....	55

APRESENTAÇÃO

*Vem o espírito ao vazio em que me debato,
Guia-me e escrevo: "No princípio, era o Ato"*
Goethe

É bom caminhar com aqueles que sonham os mesmos sonhos. Durante algum tempo foi assim na Faculdade de Educação; caminhamos juntos; sonhamos juntos; nos lançamos em mentes e corpos no abismo do desconhecido, que é o ser humano, enfeitiçados pela promessa de nos conhecermos melhor: e fomos, e nos conhecemos e os conhecemos. Mas quando chegar o momento de não caminhar mais juntos nossas palavras estarão ao nosso lado, como fruto daquela caminhada - por isso escrevemos... para que o sonho de caminhada fique nos acompanhando sempre.

Este trabalho é assim: fruto de um sonho compartilhado, latente, que agora se manifesta em palavras presentes para que seja um corpo daquilo que na Faculdade de Educação sonhei, sonhamos...

Quero falar das coisas do amor nele. Talvez seja porque não sei mesmo amar... sou vazio, mas quero me encher. Sou ao mesmo tempo o tema e o tema me é. Na verdade, este trabalho é assim: fruto de uma relação amorosa. Que ao ser lido, quem o ler, possa sentir o mesmo que está em cada linha: uma promessa de amor. Porque o amor é assim: "cresce primeiro; brota depois".

EPÍGRAFE

*O conhecimento se transformou em nós em uma
paixão que não se aterroriza com nenhum sacrifício,
e tem no fundo apenas um único temor,
de se extinguir a si próprio...
A paixão do conhecimento talvez até mate
a humanidade...
Se a paixão do conhecimento não matar a humanidade
ela morrerá de fraqueza.
Que é preferível? Eis a questão principal.
Queremos que a humanidade se acabe no fogo e na luz,
ou na areia?*

Friedrich W. Nietzsche

DEDICATÓRIA

Para a Mariana Barbosa que tem sido a minha luz
No amor;
Para a Clara Germena que tem sido a minha luz
No conhecimento;
E para meus pais que me deram
A luz.

LUZ E SOMBRA: A MESMA FACE DA DINÂMICA AMOROSA

INTRODUÇÃO

*O quê? O que une os homens
E as mulheres?
Homens e mulheres, seres tão
Diferentes, seres que às vezes são até
Mesmo opostos!?
O que os une?
Os românticos responderiam: o amor!
O maravilhoso e sublime amor!
Ora, o amor! Sejamos francos,
Senhoras e senhores, o amor não
Dura mais do que setenta dias ou
Trinta e duas cópulas, o que
Vier primeiro.
Depois vem o cotidiano, a
Monotonia, a rotina,
O tédio.*

(Narrador em *Pequeno Dicionário Amoroso*)

*Mal se encontraram, logo
Se olharam; mal se olharam,
Logo se amaram; mal se
Amaram, logo suspiraram;
Mal suspiraram, perguntaram
O motivo de o haverem feito;
Mal souberam a razão, logo
Procuraram o remédio.
(Shakespeare em *Como
Gostais, Ato V*)*

Ah, os caminhos do amor... Presentes nos temas do cotidiano da humanidade, quer seja pelas novelas, pelas revistas sentimentais, pelos futurólogos "capazes" de prometer a sorte grande no amor. Também existem os romances, o gênero supremo da literatura que explora, que em suprema criação, desvendam as faces obscuras das relações humanas. Sem contar dos amores virtuais que a comunicação abriu como alternativa

aos caminhos do amor para nós, indivíduos em constante fase de amor. De um modo ou de outro caminhamos à procura do que possa ser uma imagem ou um objeto de amor em nossas vidas.

O ser humano é concebido depois de um ato de amor; na verdade, é um conseqüente de um ato amoroso, de uma entrega, de um enlace, de modo que o amor pressupõe a existência¹.

Mas o amor tem sua continuidade. Ele é contínuo em vida. Mas a vida não é contínua. Ela possui a face do término do tempo, um fim, um desfecho, quer queiramos ou não. Viver mesmo é estar em constante colocação entre o intervalo do nascimento e da morte.

O amor nos impulsiona neste intervalo à construtividade do viver. Amamos a vida, logo, cuidamos dela. O amor permeia, assim, as tonalidades do viver.

Mas como cada um se coloca perante o amor? Como surge este sentimento que nos une? Como o amor é um vínculo que ora produz prazer, e ora se refugia dele? Como é amar? Podemos dizer que o amor está ao nosso alcance? Depende do quê, de quem e como, para que possamos amar? Amamos!??

Este trabalho viajará justamente nas correntezas deste sentimento: o amor. Através desta pesquisa, que na verdade é um breve aperitivo para nos incentivar ao apetite amoroso, buscaremos descrever o que pode ser o amor; como este se configura; como luta em si mesmo para sua auto-realização, idealização e manifestação; como podemos ser vítimas e algozes dele; como podemos aprender e desaprender com o amor; e, acima de tudo, como somos imperfeitos em amar, porém, possuidores de uma volúpia infinita quanto ao amor.

Queremos correr este risco: o de invadir este sentimento que é ousado por si mesmo. E o risco nos conduz a um perigo: "O perigo de meditar é o de sem querer começar a pensar, e pensar já não é meditar,

¹ Com isto, no entanto, não assumimos a posição de uma regra geral no sentido da concepção do amor. Quando, por exemplo, dizemos que o ser humano é concebido depois de um ato de amor estamos dizendo de um plano que perpassa pelo normalização do amor, ou seja, que o ser humano é concebido por um desejo e através de um desejo. O que não é o caso, por exemplo, das questões de estupros.

pensar guia para um objetivo" (LISPECTOR: 1998, p.112). E qual será o objetivo do amor? Como isto é possível?

Tentaremos nos lançar nesta aventura em três etapas. No primeiro capítulo estaremos apresentando um referencial teórico, de cunho psicanalítico-freudiano, onde buscamos a origem do amor na estrutura mental do ser humano. O *modus operandi* que antecipa qualquer modo de amar. É importante salientarmos que se trata de um referencial psicanalítico. Este capítulo é fundamental pois revela quais são os atos e as formas que embasam o amor. Neste sentido, não estaremos levando em consideração as questões que a sociologia coloca como questões sociais em relação ao amor. Por exemplo, em sua obra *Como se Casa, como se Morre*, Émile Zola apresenta que o amor possui certos determinantes sociais, certas perspectivas que estão atreladas à dinâmica social, ao interesse público, ao poder, o que, conseqüentemente, faz com que o amor seja visto em uma outra dinâmica, isto é, a dinâmica da construção social. No entanto, este trabalho não explorará este lado que sem dúvida alguma permeia a dinâmica das relações humanas, mas que no entanto, não é o objeto de nosso estudo e nem de nosso referencial.

Em seguida, depois de apresentarmos como que o amor é fundado dentro do referencial psicanalítico, construiremos uma noção do que pode ser o amor e o amar. Neste capítulo estaremos analisando vários referenciais quanto ao tema para que estes sejam a luz para iluminar a nossa escuridão conceitual e pragmática. O objetivo em si não é criar um conceito de amor que seja único, antes isso, o interesse é demonstrar como que o amor possui várias dinâmicas, daí a utilização de vários referenciais.

Finalmente apresentaremos a análise de uma imagem amorosa. Nesta imagem, que é uma história de um "caso de amor", procuraremos desvendar como que a dinâmica amorosa se configura². Trata-se, todavia, de um exemplo, não de um paradigma, pois o amor se conjuga de acordo com cada corpo que lhe oferece a possibilidade de ser um texto amoroso.

Este trabalho visa instigar em nós, seres humanos vazios ao amor - porque só podemos nos encher quando estamos vazios - uma visão que não

² A Obra é um roteiro de um filme: *Pequeno Dicionário Amoroso*. Roteiro de Paulo Halm e José Roberto Torcro. O Filme é de Sandra Werneck.

seja ingênua no modo de conceber a relação amorosa. Não pretendemos aqui um dogma, muito menos uma reflexão que seja a correta, ao contrário, que tudo possa nos auxiliar em uma forma de dialogar a respeito do amor³. E que isto seja a despeito do que somos ou pensamos.

³ É de suma importância ressaltar que a linguagem aplicada ao desenvolvimento deste trabalho é uma linguagem poética. Neste sentido muitas vezes há uma simbologia aplicada aos conteúdos que fogem da rigidez acadêmica e da aridez lingüística. Assim, figuras de linguagem como metáforas, parábolas, contos, etc têm de ser vistos dentro do contexto lingüístico do trabalho, do texto em geral e do objetivo que está linguagem possui aqui.

I. O FAROL DE ONDE SE AVISTA O AMOR: EM BUSCA DE UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA

*O que pode uma criatura
Senão, entre criaturas, amar?
Amar e esquecer, amar e
Malamar; amar, desamar,
Amar? Sempre e até
de olhos vidrados, amar?*
Carlos Drummond de Andrade
Em *Claro Enigma*

Buscar uma possível compreensão para a "complexidade inaprisionável da pessoa humana", é como se lançar em um abismo, crente, pela esperança, que no final tudo dará certo. Em outras palavras, compreender o jogo do sentimento e da vontade que dinamizam nós, humanos, é uma aventura de risco. Como dizia Riobaldo, viver é mesmo um negócio perigoso; e mais ainda, entender dos perigos que nos cercam.

Talvez o amar seja o perigo mais desejado entre nós. Por este sentimento a humanidade foi gerada, criada e sustentada como possibilidade de continuidade: o amor constrói (FROMM: 1995). Como acentuou Freud "o amor é o grande educador" (1915, p.352), ou seja, o sentimento capacitador para a formação de tudo que se há, pois é na educação que a sociedade se pauta, quer seja de modo formal ou informal; quer sendo através de tabus ou tradições; mas a questão é que esta educação conduz a forma de ser da humanidade. Talvez isto nos sugira que amar depende da forma pela qual nossa educação em amor foi pautada, e que nem toda educação para a forma de amar seja eficaz.

Mas para entendermos a dinâmica do amor, este sentimento que está além da "incrível cegueira da razão humana" (GOETHE: 1996, p.30), é necessário partirmos de um referencial que, antes de tudo, aponte um modo de entender o ser humano em sua funcionabilidade emocional. Isto é fundamental pela razão do amor estar justamente na dança da

emocionalidade que nos constitui e que é constituída por aquilo que cada ser humano é. Neste sentido, caminharemos para uma compreensão psicanalítica, sobretudo em Sigmund Freud, que nos permita entender porque "nada no mundo faz necessário a um homem a não ser o amor" (id.).

Em 1910, Freud apontou, em *Contribuições à Psicologia do Amor*, que ao ser humano era imprescindível certas "condições necessárias ao amor" (p.150). Ao falar de condições ele está apontando para certos requisitos básicos na estrutura mental do ser humano capaz de potencializar cada criatura ao envolvimento humano. Não é sem sentido que em um outro trabalho Freud iria dizer que "uma pequena minoria de pessoas acha-se capacitada, por sua constituição, a encontrar felicidade no caminho do amor" (1930, p.122). A sugestão aqui é a de que a forma como cada um reage à dinâmica do amor⁴ é diferenciada. Neste aspecto não é possível dizer que exista uma forma certa de amar, ou um modo específico onde a relação humana possa ser conjugada como sendo o paradigma de todas as relações. O que pode acontecer é um modo mais aceitável dentro de um determinado padrão social, emocional e histórico.

Um outro aspecto que surge, dentro desta perspectiva freudiana, é a dimensão da não-universalidade no amor, isto é, que a capacidade de amar é variável na dimensão de sua constituição e que o amor não deve ser generalizado (FREUD: 1930). Com isto Freud indica que muitos sentimentos positivos, como a benevolência, tendem a ser superdimensionados e tratados como amor.

Surge aqui um aspecto a ser notado, a saber, a tendência em visualizar o amor em sentimentos que na realidade não o são. Muitas frustrações nos relacionamentos têm por base o fantasiar em torno do amor, ou talvez, do falso amor. O ser enamorado, como veremos em um outro momento, tem a sensibilidade muito aguçada no sentido de "se-fazer-amado", daí, tudo é válido no jogo da conquista. A questão é que não há como sustentar aquilo que não está respaldado no caráter. Para Erich Fromm o amor acaba sendo um construto que está impresso no caráter,

⁴ A questão da dinâmica do amor não é definida aqui por que o próximo capítulo visa conceituar o amor em sua dinâmica.

logo, o amor é um traço de caráter. Deste modo a variação de cada caráter é a variação no modo de amar, assim como este indica aquele.

Ora, se partimos deste princípio, que cada ser em caráter reage de modo idiossincrático na esfera amorosa, estamos, na verdade, referendando a concepção freudiana do amor na esfera do princípio do prazer.

Para Freud, nos *Instintos e Suas Vicissitudes*, toda sensação agradável em relação a um objeto produz uma cadeia de prazer que determina o que "amamos" e como "amamos" (1915). De igual modo, as sensações desagradáveis desencadeiam uma renúncia do objeto (id.), o que seria o oposto do objeto amado. Assim, surge a repulsa no sentido não só de preservar o indivíduo, mas com a intenção de criar um repertório de sensações interiorizadas que sejam agradáveis - passíveis de serem amadas - , ou de serem rejeitadas - passíveis de serem odiadas.

Estamos, então, diante de uma dinâmica capaz de produzir inúmeras conseqüências na esfera do amar. Estamos diante de um jogo onde o amor e o ódio se confrontam diante da relatividade de cada ser. O que pode ser satisfatório a um, pode muito bem ser motivo de angústia a outro. Logo, podemos entender a dificuldade que é buscar uma afinação na relação humana ou, no caso, na relação amorosa.

Mas a questão maior é que esta relação de prazer, que é forjadora da capacidade de amar, é "um instinto" (id., p.158); e por ser instinto, esta relação além de possuir uma base primitiva⁵, é inconsciente. Assim, "um instinto 'ama' o objeto no sentido do qual ele luta por propósitos de satisfação" (id, p.159). Daí estamos diante de uma primeira elaboração teórica: amar é buscar *a priori* a interiorização de um objeto de satisfação. Isto surge porque "na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio, os introjeta, e, por outro lado, expelle o que quer que dentro de si mesmo se torne uma busca de desprazer" (id, p.157).

Eis a dimensão em dinâmica do amor que em si é contraditória, ou seja, que não temos em todos os instantes uma relação de total satisfação com qualquer objeto que seja. É inevitável, por sua vez, um momento de

⁵ Por base primitiva entendemos os primórdios da relação de prazer-desprazer que todo ser humano possui nos primeiros anos de vida: Fase oral, anal, etc.

desprazer com tal objeto, sobretudo em relação ao ser humano. Não há uma continuidade nas inter-relações humanas que sejam de total prazer. A própria estrutura psíquica de cada ser humano não permite tal aventura. Com isto surge a idéia do amor em si ser algo paradoxal, mais exatamente ambivalente.

Neste sentido, Freud indica que o "amor com tanta freqüência se manifesta como 'ambivalente', isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto" (id., p.161). É a idéia de que um mesmo objeto possui fontes de prazer e desprazer, como Klein indicou é a dinâmica da relação seio bom e seio mau (1975, p.211) referindo-se ao mesmo objeto.

Amar, então, encerra em si os dois impulsos básicos da funcionabilidade instintual do ser humano. Para Freud dois seriam os impulsos básicos do ser humano: "o eros e o instinto destrutivo" (1940, p.173). O eros, que é o impulso construtor, o de vida e de gratidão⁶: visa "estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las - em resumo - unir" (id.). Por outro lado, o instinto ou impulso destrutivo e/ou de morte visa "desfazer conexões e, assim, destruir coisas" (id.).

Mas esta distinção de impulsos, tanto no caráter causa como no caráter consequência, não faz com que estes sejam excludentes, embora um opere contra o outro, porém eles têm a capacidade de "combinarem-se mutuamente" (id.).

A dificuldade, quando procuramos entender a esfera do sentimento amoroso, surge justamente por sabermos que estes "instintos podem mudar de objetivo" (id.) por deslocamento. Pelo fato da base instintual ser o Id, e este não ser "realista" pois age imediata e irrefletidamente (D'ANDREA: 1991, p.14) e a relação de prazer-desprazer se apresentar como decisiva (FREUD: 1915, p.159), a relação amorosa se encontra sempre na dança do eros e do thánatos, ou seja, entre os impulsos de vida e de morte.

Surge, daí, o segundo princípio sobre o amar, este menos imediatista. Se o amor surge *a priori* devido a relação de prazer com um determinado objeto e a consequente interiorização deste prazer, "porque o que a

⁶ O impulso de vida como gratidão foi concebido por Melaine Klein, mas possui a idéia básica do impulso de vida que encontramos em Freud, embora com certa reelaboração. Mas a gratidão de Klein se refere também ao princípio de prazer, portanto vem a complementar a noção básica de impulso de vida supracitado e de caráter freudiano.

memória amou fica eterno" (ALVES: 1998, p.56), saber amar consiste em lidar com a frustração do não prazer, ou seja, saber que a face amorosa carrega em si a face do não prazer; do ódio, no sentido de desfazer de conexões.

Ora, se o impulso de vida estabelece unidades, e este impulso em si é dado pelo prazer e pela relação deste com cada objeto, quando amamos buscamos unidade com um outro objeto, com um outro ser. Esta relação, dado o caráter do impulso de vida e prazer, é explícita porque produz atitudes que demonstram a satisfação da relação prazerosa, mesmo que sejam atitudes tácitas. Todavia como esta relação de prazer não é eterna, como toda relação de prazer-desprazer, surge o impulso de morte que desfaz as conexões de unidade, ou seja, rompe com o desejo de estar unido. Mas, "enquanto este instinto opera internamente, como instinto de morte, ele permanece silencioso; só nos chama a atenção quando é desviado para fora, como instinto destrutivo" (FREUD: 1940, p.175), daí que muitas vezes a manifestação concreta deste impulso em uma relação humana leva até a lesão corporal. Contudo, é importante ressaltar que ambos os impulsos estão presentes em cada ser humano, e carregamos dentro de nós tais impulsos que interagem com toda nossa personalidade, indicando ações e sensações. Ambos impulsos também se apresentam, conseqüentemente, em nosso modo de amar.

Estamos então diante de um princípio que exige a consciência da presença de tais impulsos no que chamamos de amor, o princípio de que é imprescindível lidar com a dança da construção e da destruição dentro do relacionamento humano. Que amar é invadir as fronteiras do impulso de morte, compreendendo tal dinâmica, para transformá-la em ação de construtividade, através da compreensão, da contenção, do respeito pela "morte" que o outro carrega em si.

Freud apontou a dinâmica dos impulsos no amor ao indicar os três tipos de opostos que permeiam a arte de amar⁷, ou seja, a dinâmica amor-ódio, que surge devido a relação prazer-desprazer com determinado objeto; a dinâmica amar-ser amado, que surge quando sou correspondido por aquilo

⁷ Termo referente à obra de Erich Fromm: A Arte de Amar que será um dos referenciais na elaboração do que venha ser a dinâmica do amor.

que ofereço como prazer; e a última que está "além destas", que é quando o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença (1915, p.154).

Com isto fica mais evidente a dificuldade em pensarmos o amor como pureza de atitude. Talvez o amar venha acontecer devidamente quando o ser humano é capaz de lidar com as múltiplas variações do amor, com as oscilações que estão constantemente entre o prazer e o desprazer; a vida e a morte; a construção e desconstrução. Não foi sem sentido que Freud elegeu o amor como o grande educador e que Fromm colocasse o amor como uma arte, onde necessário seria a presença da disciplina e da dedicação no amor.

Sendo assim, temos de, dentro deste referencial, repensar os caminhos do amor para não cairmos em caminhos falsos ou que guardam dentro de seus ventres armadilhas que nos iludam na capacidade de amar.

CONCLUSÃO

Partindo da teoria dos impulsos de vida e de morte, com os quais nascemos, nos deparamos com possibilidades instintuais que são inerentes à vida ou talvez como condições necessárias para que a vida se mantenha em sua corrente ativa. O amor, como vimos, atrelado ao princípio do prazer-desprazer está potencializado na base destes princípios de vida: nos instintos básicos. Ora, uma vez potencializado ele necessita de uma interação para que sua ação ganhe contorno. A questão central neste sentido é que o modo pelo qual alguém ama depende do modo pelo qual ele experienciou o amor como fonte, como capacitador, como algo prazeroso, como foi educado para amar. Porque não podemos esquecer jamais que o inverso está sempre latente no caráter deste sentimento: o ódio e a não conexão das coisas. O ser está sempre esperando uma mágica que possa despertar aquilo que os instintos em si, em determinado grau e aspecto, já colocara, como anteparo no inconsciente.

Talvez possamos dizer que o amor é uma análise sempre em construção. Análise, porque depende de como o indivíduo se coloca, conscientemente, diante das várias dinâmicas que o amor possui, e de como o indivíduo elabora os seus instintos para a dinâmica do amor que necessariamente é relacional. E construção porque o amor não é um valor sentimental dado em estado elaborado. Ele é fomentado de acordo com a dinâmica prazer-desprazer; de acordo com os impulsos que se sobrepõem na relação amorosa; de acordo com a vontade dos objetos em buscar o amor, lembrando, como já nos alertava Nietzsche, que "em cada vontade existe, antes de mais nada, uma infinidade de sentimentos" (s/d, p.33).

Mas enquanto a vida estiver pulsando como a luz de um farol, poderemos caminhar, mesmo que seja na escuridão - que é símbolo da morte - em direção de uma esperança que nos impulse ao prazer de amar. Mesmo que, como diria o apaixonado personagem de Gabriel García Márquez, em Amor nos Tempos do Cólera, "é a vida, mais que a morte, a

que não tem limites" (1985, p.427). E o amor nada mais é do que este sentimento sem limites: que brinca dançando entre a luz e a sombra, entre o sol e lua.

II. AS FACES DO AMOR: UMA POSSÍVEL COMPREENSÃO DA DINÂMICA AMOROSA

*Querer escrever o amor é enfrentar
A desordem da linguagem...*

Roland Barthes em
Fragmentos de um Discurso Amoroso

Após a discussão teórica, onde buscamos situar a dinâmica do amor dentro de um modo de ação mental, estaremos tecendo, neste capítulo, uma compreensão filosófica e teórica a despeito das muitas faces em que o amor se nos apresenta. Nada pode ser verdadeiro, nada pode ser falso, mas tudo não passará de uma viagem neste campo que é tão mágico e ardiloso: o amor.

Ao tentarmos descrever o amor devemos estar preparados para nos encontrarmos com uma ordem subversiva. Um sentimento que em sua dinâmica possui várias máscaras quanto a sua forma de atuação. Freud sabia da capacidade de subversão que o amor era capaz, do caráter revolucionário deste sentimento, conhecia bem as suas faces mágicas. Por isto disse que se "por um lado, o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro lado, esta ameaça o amor com restrições substanciais" (1930, p.123). Estivesse, talvez, falando das várias repressões que o amor sofre; talvez aludia ao fato do amor buscar uma forma de prazer que desconfigure os interesses da fórmula trabalho mais capital; quem sabe não estaria dizendo sobre as infinitas faces do amor: assim ninguém o reconheceria de um modo somente, logo, não haveria sentimento mais perigoso às certezas de uma sociedade. Mas seja o que for uma certeza temos: o amor é poderoso!

"Amor vem de amor", já nos profetizava Riobaldo. Mas, como que o amor há de vir caso não saibamos amar, ou seja, se a fonte não for pura como haverá de produzir boa água? Bem, talvez por um processo de purificação a água possa ser utilizada para a manutenção da vida, aliás é

assim que fazemos: temos de purificar o que sai da fonte, e então, bebemos da água. Talvez seja assim com o amor. Nem sempre a fonte é puríssima, mas sempre é possível de se arranjar um modo de tornar o que sai da fonte uma possibilidade para o contato humano.

Goethe, conhecedor das fontes humanas e respeitador das várias fontes, pois cada um de nós somos uma, nos alerta dizendo "como é difícil nos entendermos neste mundo" (1996, p.79). Ora, tal posicionamento, e de um modo mais radical, era o de Nietzsche, para quem "toda pessoa é uma prisão" (s/d, p.59), ou seja, cada ser em si é uma estrutura única, embora inter-relacionada com os demais seres. E como se isto não bastasse nos alertava para a dificuldade das fontes se entenderem, ao dizer que "as mesmas paixões no homem e na mulher são diferentes em seu andamento e é por isso que o homem e a mulher jamais deixam de se desentender" (id, p.90). Mas seja como for é aqui que encontramos a chave para o necessidade de amarmos, de estarmos e sermos em amor, pois somente o amor pode invadir esta "dificuldade" (GOETHE) , sublevar a diferença (NIETZSCHE) , e permitir que sejamos educados na arte de viver (FREUD). Não é sem sentido que Riobaldo, mais uma vez o sábio de Guimarães Rosa, nos consola dizendo que "o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior" (ROSA: 1971, p.20). A questão da diferença entre os seres humanos é mais acentuada ainda se pensamos no caráter gênero masculino e feminino. Para Luiz Tenório O Lima, em *Enquanto as mulheres mandam, os homens fazem o que têm vontade* , "a diferença entre homens e mulheres é irreduzível. São de dois planetas distantes mesmo..." mas completa, "... o que não quer dizer que um não possa tangenciar o outro e não possa haver comunicação entre eles" (1998, p.139)⁸. E buscar a comunicação necessariamente tem de fazer parte da esfera do amar e ser amado.

Mas então como o amor surge para nos possibilitar o encantamento da diferença que está no outro? Ou, até que ponto o amor é tão mágico

⁸Embora a questão do gênero na dinâmica do amor possa soar aqui como generalização, ou seja, como um indicativo de ausência de historicidade, de singularidade, tentaremos mostrar esta dinâmica na análise de caso que estará sendo desenvolvida no último capítulo deste trabalho.

capacitando este convívio? Senão, como podemos nos entender? Como podemos nos amar? Como lidar com as frustrações de um objeto que nem sempre é fonte de prazer? Como entender o amor?

Quando Sartre revelou que "o inferno é o outro" ele estava justamente referendando a noção de que o outro também pode ser uma fonte de desprazer. Mas isto não faz com que possamos ignorar aquilo que o outro é, porque nós também somos um outro, e logo, uma fonte de desprazer em determinado grau. Todavia, o mais importante de tal afirmação é podermos captar a denúncia de que conviver com o outro não é algo tão simples e paradisíaco. Ao contrário, estamos presos em uma trama de ações que além de ser individual é social (ELIAS: 1990), onde o "eu não é destituído de um nós."

Mas se o amor surge em meio a esta rede de relações ele está sujeito a ser vítima das tramas sociais e pessoal de cada um. Talvez como Sartre, esta era a sensação de G.H., personagem de Clarice Lispector, para quem "o inferno mesmo é o do amor". Podemos pensar que seja assim porque já é tão difícil entendermos a realidade do outro, e se este desejo está permeado pelo desejo de amar então a dificuldade é ainda maior, porque se o que amo me desagrada, a sensação de desprazer se torna ainda mais grave. Se o que não amo não me agrada o desprazer é proporcional, de um certo modo indiferente, ao meu não amor: sua ação é indiferente, porque já não o amo. Mas se o que amo não me agrada, então a frustração é agigantada pela expectativa que criei em torno do amor. Daí, ser "o inferno mesmo o do amor".

É dentro desta perspectiva que surge a noção de que amar seja uma arte. Esta é uma idéia desenvolvida por Erich Fromm, para quem a capacidade de amar deve estar relacionada com uma faculdade, um conhecimento, e não uma questão de objeto, ou seja, critica a idéia de que "amar é simples, mas que é difícil encontrar o objeto certo a amar - ou pelo qual ser amado" (1995, p.10). Assim, amar depende da capacidade de cada um de buscar uma interação com o objeto de sua relação. Em outras palavras, amar é buscar uma resposta amadurecida ao problema da existência (id., p.29), a saber, a diferença que permeia toda relação humana. Logo, "o amor é uma atividade, e não um afeto passivo" (id., p.33).

Todavia, buscar as respostas que possam estreitar os abismos que existem entre cada ser humano que é a atividade criadora fundamental à expressão de amar. Por atividade criadora estamos entendendo quatro elementos básicos que são fomentadores do amor como um ativo em construto, de acordo com Erich Fromm.

O primeiro elemento é o *cuidado*. O cuidado é o zelo⁹ que apresentamos como manifestação de fonte de prazer para o objeto amado. Aqui ele surge como sendo uma das faces do amor, uma face que "é uma preocupação ativa pela vida e pelo crescimento daquilo que amamos" (id., p.38). Este cuidado nos é dispensado nos primeiros anos de vida pela mãe. A relação de cuidado interiorizada nas primeiras fases da vida de um ser humano serão determinantes na valorização que ele dará ao ser que "cuida" dele, que expressa esta forma de amor. Do mesmo modo, ele terá estes primeiros cuidados como referencial para sua atividade amorosa que está em constante construção. Porque nunca sabemos amar em plenitude, mas devemos saber aprender a amar.

O segundo elemento que surge como atividade criadora do amor é a *responsabilidade*. Este sentimento, que é um ato voluntário e não obrigatório, surge como "resposta que damos às necessidades, expressas ou não expressas, de outro ser humano" (id.,p.40). Assim como uma mãe se sente responsável pelas necessidades físicas de seu filho, e este dependerá da responsabilidade de sua mãe, quando adultos o amor, em responsabilidade, se manifestará como um entendedor das necessidades psíquicas que o outro carrega em si. Deste modo o amor surge como um sentimento que responde às necessidades do outro.

Mas para que esta responsabilidade não se torne possessiva, dominadora ou corrompida, é imprescindível que o amor se conjugue também pelo *respeito* ao outro. "Respeito não é medo e temor; denota, de acordo com a raiz da palavra (*respicere* = olhar para), a capacidade de ver uma pessoa tal como é, ter conhecimento de sua individualidade singular" (id.,p.40). O amor é o sentimento que não coloca o ser na esfera de minha conjugação pessoal, de acordo com o meu gosto. O amor é capaz de manter

⁹ Na perspectiva de Fromm, cuidado e zelo não estão associados a um controle na perspectiva social do termo. Assim, não cabe entender *o cuidar do outro* como um agente de controle social.

a proximidade dos objetos pelo que eles são tal como são, e não que haverão de ser o que devem ser de acordo com determinada vontade.

É por isto que o respeito só é possível na medida em que conhecemos a outra pessoa. O *conhecimento* permite com que eu desvenda os mistérios que o outro ser carrega em si, pois, muitas dificuldades no âmbito da relação surgem devido a falta de conhecimento daquilo que o outro ser é.

Cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento, são os elos que compõem o conjunto de atividade que deflagram o amor como um construto. E porque estes elementos envolvem uma ação que esteja presente no modo de ser, logo na forma pessoal de me relacionar em amor, "o amor será essencialmente um ato de vontade, de decisão de entregar minha vida completamente à de outra pessoa" (id.,p.71). Logo, amar é possuir o desejo de se entregar e de ter a vontade de querer amar. Daí estar certo a idéia de Riobaldo, de que "amor vem de amor".

É por esta razão que temos de falar que amar é uma arte, ou seja, um movimento constante em direção ao aperfeiçoamento no querer amar, no ser e estar amando, no ser e estar amado e no poder amar. Para isto "a trajetória somos nós mesmos" (LISPECTOR: 1998, p.176). Não é sem sentido que tal arte só surge à medida que entendemos sobre ela, ou seja, que possuímos uma teoria, um modo de compreender o amor. Mas como "amar é uma experiência pessoal que cada qual só pode ter por si e para si" (FROMM, p.128), o amor que surge em nós depende muito de como nos aplicamos a ele.

Daí ser fundamental nos disciplinarmos em amor. Ora, não se aprende algo sobre uma prática a não ser praticando. Mas tal prática exige de nós, em primeiro lugar, plena entrega, que vem da concentração; em segundo lugar paciência.

A concentração tem se demonstrado como atitude rara em nossa sociedade.

Nossa cultura leva a um modo de vida desconcentrado e difuso, que em qualquer outra parte tem paralelo. Fazem-se muitas coisas ao mesmo tempo: lê-se, ouve-se rádio, fala-se, fuma-se, bebe-se, come-se. Somos o consumidor de boca aberta, ávido, pronto a tragar tudo: filmes, bebidas,

conhecimentos. Esta falta de concentração facilmente se mostra em nossa dificuldade de ficar sós conosco mesmos. (id., p.130)

E neste aspecto mal conseguimos nos concentrar nas formas de atuarmos em crescimento em direção ao amor. Daí talvez a idéia de Freud que o amor confronta a civilização, porque quando realmente amamos estamos indo contra um *status quo* que não deseja ser responsável por seus indivíduos, logo, não possui concentração sobre o bem estar destes.

Mas a dificuldade que cerca a humanidade em ter concentração sobre a arte de amar está justamente na relação de falta de paciência que a humanidade cultiva. Boa parte da tecnologia se dirige para que o tempo se torne mais ágil na relação tempo-espaco diante do ser humano. O sistema industrial incentiva a rapidez, quanto mais depressa, melhor. Ao interiorizar este ativismo alucinado o ser humano perde sua capacidade de ponderar os caminhos que estão na contramão destes valores econômicos. O amor é um destes valores. Talvez esteja aqui a compreensão para o alto índice de separações conjugais, isto é, a dificuldade em lidar com as diferenças de cada um, que por sua vez exige tempo e paciência. Daí surge a idéia de que rapidamente preciso evitar a solidão. Então, a escolha se dá em uma lógica que muitas vezes pode ser a não-lógica do amor.

Assim, dentro destas colocações, baseadas em Erich Fromm,

O amor é um desafio constante; não é um lugar de repouso, mas é mover-se, crescer, trabalhar juntamente; haja harmonia ou conflito, alegria ou tristeza, isso é secundário em relação ao fato fundamental de que duas pessoas se experimentam mutuamente a partir da essência de sua existência, que são uma com a outra por serem uma consigo mesmas, em vez de fugir de si mesmas. Só há uma prova da presença do amor: a profundidade da relação e a vivacidade e o vigor em cada pessoa envolvida; este é o fruto pelo qual o amor é reconhecido.

Uma vez nos colocando perante o amor como sendo uma arte, temos de pensar em habilidades que façam desta arte algo viável. Para saber amar, tenho de saber julgar. Isto porque o amor, seja como for sua manifestação, em si, "é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza. Nossas convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas" (COSTA: 1998, p.12).

Mas para que surja o Eu Te Amo dentro desta complexidade toda que é o amor, que não possui estrutura fixa e irreduzível, as experiências afetivas têm de estar atreladas a certos elementos da experiência do amor. Isto é extremamente importante porque fará com que o amor transcenda do mero aspecto do desejo, do princípio de prazer, da fruição. O amor como construto é capaz de ir além do desejo e das circunstâncias meramente favoráveis à realização do prazer, ele é capaz de se fixar como um eixo de experiências que permite o compartilhar da vida entre-objetos. Nenhum desejo é eterno, e saber amar é construir o ideal amar-e-ser-amado dentro das possibilidades várias que a vida oferece, quer sejam possibilidades pensadas ou impensadas.

Neste sentido, Yves Arnaud em *A Dinâmica do Amor*, vai nos dizer que a possibilidade da concretização do Eu Te Amo, como ação de um verbo intransitivo, que é o amar, só se configura através de três tipos básicos de experiências de amor, que ao serem confluídas potencializam o ser humano a um amor ativo e construtivo (1984).

A primeira experiência do amor surge com a experiência do prazer. Assim como Freud demonstrou. É o contato com o prazer que permite que o desejo se apodere da volição. Então, pelo prazer, o ser é capaz de manifestar sua vontade: "quero que sejas minha/meu" (1984,p.34). "A intensidade do desejo vivido durante a experiência amorosa vem do fato de todos os dinamismos do amor se harmonizarem e se conjugarem no interior de uma mesma relação" (id.).

Em seguida vem a experiência da afeição, que já se deslocou, depois de haver introjetado o objeto bom, em direção do parceiro como sendo uma fonte boa de manifestação de afeto. É a afeição que manifesta o dinamismo da parte do amor que diz: "é com você que eu me sinto bem" (id.,p.37). É aqui que impulsos destrutivos podem se manifestar, como o ciúmes, devido a exclusividade que um parceiro exige para si ou de outro. Porque tudo que ameaçar a afeição introjetada surgirá como sensação ou fantasia de perda.

É então que a experiência da escolha surge pelo "eu me entrego a você" (id.,p.41). A entrega deve ser pautada não pelo medo da perda, mas pelo aceitar o outro como ele é em fonte de amor. Esta escolha não está livre das ambigüidades que o amor carrega em si, como já foi demonstrado.

Mas o ponto culminante consiste em saber que não existe um objeto certo à minha expectativa de amor (FROMM) o que existe é uma idealização que pode ser ou não correspondida ao meu desejo, daí ser certa ou errada. Porque o amor em si é algo extremamente ideológico (COSTA). Amar, então, dentro desta perspectiva consiste em saber que o amor não pode ser uma cópia daquilo que fizeram para nós como amor (id.) - o amor deve estar na base minha originalidade: saber porque me entrego a alguém.

Podemos pensar que são estas experiências de amor, sobretudo a da escolha e entrega, que permite a continuidade do amor. É importante destacar que "o amor parece perder em duração aquilo que traz em intensidade; a rotina quotidiana, mais que tudo parece miná-lo. Acrescentemos que o atrativo físico, que tem um papel importante na experiência amorosa, dura 'o que duram as rosas', que fanam quando colhidas"(1984, p.85); além disso, a forma como os impulsos vão se intercalando na manifestação de como o amor se desenvolve dependerá muito do envolvimento consciente dos pares com aquilo que entendem por amor. Pois o prazer não é eterno.

É por isto que Milan Kundera vai nos apresentar o amor como uma questão de decisão. Mas a questão não é tão simples. Primeiro porque quem tem escolha, tem tormento (LLOSA). Porque decidir é escolher, é dar destino, é concluir. E escolher as coisas do amor não é algo tão fácil. Segundo, como o próprio Kundera argumenta, nunca se sabe se tal escolha é certa. Em suas palavras:

Nunca se pode saber aquilo que se deve querer, pois só se tem uma vida e não se pode nem compará-la com as vidas anteriores nem corrigi-la nas vidas posteriores. Seria melhor ficar com Tereza ou continuar sozinho? Não existe termo de comparação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É isso que faz com que a vida pareça sempre um esboço. No entanto, mesmo "esboço" não é a palavra certa porque um esboço é sempre um projeto de alguma coisa, a preparação de um quadro, ao passo que o esboço que é a nossa vida não é o esboço de nada, é um esboço sem quadro. (1983, p.14)

Nesta perspectiva o que será o amor a não ser uma grande aventura que temos de nos entregar caso queiramos correr o risco de amar e ser amado.

Já dizia Sheakespeare que "o curso do verdadeiro amor nunca é suave". Mas poderemos dizer o que é verdadeiro amor? Saberemos apontar

isto? Estamos diante de um grande abismo que nos convida para apenas, diante dele, nos abismarmos também. Pois "só me dói morrer se não for de amor..." (1985, p.421) .

CONCLUSÃO

Onde estará o amor? Talvez pudéssemos pensar como Riobaldo, para quem "o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia"(1971,p.52). Em outras palavras, o amor é um em torno de, não está em um momento definido, mas nesta travessia, na vida que segue, nos rumos que traçados e não traçados mas que vão definindo o viver.

Como vimos em Freud, durante esta "travessia", o nosso encanto com o amor surge com o prazer. Por outro lado, o mesmo Freud nos demonstrou que nem sempre o nosso objeto, alvo de nosso amor, é um fonte constante de prazer: prazer e desprazer compõem o amor. Estamos atravessando.... e "viver é um negócio perigoso"....

O amar surge de nossa capacidade em entender que em uma relação amorosa sempre haverá um certo nível de frustração, mas que, todavia, tal frustração não deve castrar a potencialidade de buscar o prazer, ou seja, de esperar que o nosso objeto relacional volte a ser uma fonte de prazer. Talvez deixamos de amar quando de modo muito intensivo rejeitamos a fonte relacional, que em si é ambivalente, pois toda relação humana possui um determinado nível de transferência, e o "conteúdo transferencial torna as relações com caráter ambivalente" (FREUD:1940, p.203); ou talvez porque, como humano, não sabemos lidar com um certo grau de frustração, ansiedade, e exigimos uma parceria afetiva que não nos fruste. Também podemos pensar que não encaramos o amor como uma arte, como um sentimento que necessita ser aprendido e apreendido; e então, esperamos que o amor caia como um produto bruto sobre nossas vidas. Amar é possuir a "idéia de que o amor deve ser perseguido" (1985, p.354); é entender que o "coração tem mais quartos que uma pensão de putas" (id., p.334); amar é "pensar no amor como estado de graça" (id., p.362), e pensar nisto é saber que a graça ora está presente ora ausente, porque é graça; amar é

entender, incorporando em nossas atitudes, que "não é todos os dias que se encontra o que é feito para lhe dar a imagem exata do seu desejo" (*apud*: LACAN:1995, p.14); amar é se envolver com a ideologia que idealizamos, não esquecendo que o amor, em si, é uma ideologia (1998, p.18); amar é saber que o amor tem por base os instintos, na concepção freudiana, que o instinto é um impulso do querer-agora, e Nietzsche já nos alertava: "O *Instinto* - Quando a casa está em chama esquece-se até de comer. Mas depois come-se sobre as cinzas" (p.90). Enfim, como bem sabia Roland Barthes, o "amor é o nó inexplicável" (p.50), e completa dizendo:

Que é que eu penso do amor? - em suma, não penso nada. Bem que eu gostaria de saber o que é, mas estando do lado de dentro, eu vejo em existência, não em essência. O que quero conhecer (o amor) é exatamente a matéria que uso para falar (o discurso amoroso). A reflexão me é certamente permitida, mas como essa reflexão é log incluída na sucessão das imagens, ela não se torna nunca reflexividade: excluído da lógica (que supõe linguagens exteriores umas às outras), não posso pretender pensar bem. Do mesmo modo, mesmo que eu discorresse sobre o amor durante um ano, só poderia esperar pegar o conceito "pelo rabo": por flashes, fórmulas, surpresas de expressão, dispersos pelo grande escoamento do Imaginário; "O lugar mais sombrio, diz um provérbio chinês, é sempre embaixo da lâmpada."
(p.50)

Para amar, na verdade, devemos estar dispostos a nos envolvermos em uma dinâmica onde somos eternos aprendizes. O muito que podemos fazer é compreender, em um grau não muito elevado, onde podemos nos aperfeiçoar nesta arte de amar. Onde devemos nos entregar mais, compreender mais, exigir menos, cobrar menos, enfim, onde podemos apreender do amor.

Existe uma história Zen, contada por Rubem Alves, que nos coloca diante da fragilidade do amor, em relação ao tempo, e de como devemos colhê-lo diante do abismo que vivemos, pois "Há morangos (*amor*) ao alcance da mão, mesmo pendurados sobre o abismo. Tudo é uma questão de ver e colher (*sensibilidade*):

Lá, muito longe, do outro lado do mundo, num país onde o sol aparece quando aqui as estrelinhas começam a piscar. Lá, quando as crianças vão para cama, os seus pais lhes contam a seguinte estória: Um homem ia feliz pela floresta quando, de repente, ouviu um urro terrível. Era um leão. Ele teve muito medo e começou a correr. O medo era muito, a floresta era fechada. Ele não viu por onde ia e caiu num precipício. No desespero agarrou-se a uma raiz de árvore, que saía da terra. Ali ficou, pendurado sobre o abismo. De repente olhou para a sua frente: na parede do precipício crescia um pezinho de morangos. Havia nele um moranguinho, gordo e vermelho, bem ao alcance da sua mão. Fascinado por aquele convite, para aquele momento, ele colheu carinhosamente o moranguinho, esquecido de tudo o mais. E o

comeu. Estava delicioso!... Sorriu, então, de que na vida houvesse coisas tão belas. (ALVES:1987).

Estamos pendurados no abismo. O leão, um impulso destruidor presente; e o abismo também; mas há a coisa boa para colher... e isto depende de cada um de nós.

"Amor, então, acaba? Não que eu saiba. O que sei é que a vida o transforma em raiva ou rima" (*apud*: LEMINSKI, 1998).

III. PEQUENO DICIONÁRIO AMOROSO: UMA COMPREENSÃO DA DINÂMICA AMAR E AMOR

“De todos os primatas, o homem é o único que possui esse sentimento chamado amor. Os outros, como os chimpanzés, têm uma vida bem mais simples, e procuram fêmeas só para copular e criar filhotes. O amor acaba deixando as relações entre macho e fêmea muito complexas. E por isso que os chimpanzés têm inveja da gente”

(Barata, narrador de *Pequeno Dicionário Amoroso*)

Depois que as palavras traçaram alguns rumos para uma certa compreensão da questão da afetividade, na tônica amor, nos vemos diante da necessidade de aproximar tal compreensão com uma realidade. A realidade que escolhemos para análise, ou seja, para a visualização da dinâmica amor-amar, é uma realidade que não aconteceu nunca, mas que acontece sempre. Trata-se um uma obra de arte. Uma história cinematográfica, contudo, repleta de uma vivacidade que a torna quase que verdadeira. É importante destacar que neste caso trabalhamos com o real e não com o verdadeiro. Um filme é real e não verdadeiro. É real porque é capaz de nos impressionar, causar emoções: choro, riso, tensão, ansiedade...; nele nos identificamos com certos personagens; através do filme podemos criar nossas próprias fantasias e o desejo de que estas se realizam. Mas, embora tudo isto aconteça, o filme não é verdadeiro. Não é verdadeiro porque sabemos e temos a noção de que tudo é montado, de que tudo não passa de um roteiro, de um cenário. Mas isto não nos interessa; o que nos interessa é a realidade que ele provoca em nós. Daí o motivo de escolhermos um filme como análise de caso: ele é independente; pode ser visto e revisto; e o que é mais importante, tem um conteúdo que pode ser o conteúdo de minha e de sua vida!

SINÓPSE

"Gabriel e Luísa se conhecem por acaso num cemitério e, onde tudo termina, começa esta história de amor." Gabriel já foi casado. Jurara várias vezes consigo mesmo: - "comigo nunca mais". Luísa é solteira, acredita no amor e espera que um dia o amor bata em suas portas, porque o amor é deste tipo de encanto.

Trocam telefones! Entram em contato. E tudo começa. O enamoramento surge como a força de um vulcão adormecido. A aproximação vem pela conseqüência de cada um "não viver sem o outro". Tudo é lindo e maravilhoso. O amor surge com força total.

Passam a morar juntos. Vem a rotina, surge o tédio. Vem a insegurança, surge o ciúme. Vem a tempestade, surge o alagamento das esperanças. Surge a primeira crise: separam-se emocionalmente!

Reaproximam-se. O amor é inevitável. Fazem juras de amor. Mas as juras não sustentam a vida como ela é: impulsiva. Vem a segunda crise: as agressões por que a culpa é sempre do outro. Tentam novamente a reconciliação. Afinal, amar também é tolerar.

Mas a realidade não tolera a falsidade. Vem a soma indivisível daquilo que juntos passaram, mas que ficou no passado como termo bom. "É melhor nos separarmos".

Gabriel e Luísa se separam. Foi "eterno enquanto durou". Fica o sentimento expresso de abandono, carência, saudade, melancolia... estão vazios agora, mas logo se encherão novamente com um outro amor. Assim foi...

COLOCAÇÕES

Não seria esta história o filme de muitos de nós? Será que Gabriel e Luísa erraram em algum ponto? Mas onde? Em que lugar? É possível dizê-lo? Haveria uma solução? Será que souberam amar? Sabiam o que é amar? Poderemos entender tudo isto? E o ser humano, será que o entendemos? E o amor? É possível isto: entendê-lo?

3.1 UMA POSSÍVEL COMPREENSÃO DA DINÂMICA AMAR-AMOR

*Cada um de nós possuímos o
Nosso dicionário amoroso*

O encontro, fatalmente o primeiro, é o dínamo principal e forjador da primeira impressão que o sujeito capta do objeto amado. "A figura se refere ao tempo feliz que se seguiu imediatamente ao primeiro rapto, antes que nascessem as dificuldades do relacionamento" (BARTHES: 1995, p.84). Nas palavras de Barthes fica evidenciado não só a importância da captura como também o que esta captura desencadeia:

O trajeto amoroso parece então seguir três etapas (ou três atos): a primeira é instantânea, a captura (sou raptado por uma imagem); em seguida vem uma série encontros (encontros pessoais, telefonemas, telegramas, cartas, pequenas viagens), no decorrer dos quais "exploro", extasiado, a perfeição do ser amado, ou melhor, a adequação inesperada de um objeto ao meu desejo: é a doçura do começo, o tempo do idílio. Esse tempo feliz adquire sua identidade (sua limitação) pelo fato de se opor (pelo menos na lembrança) à "continuação": "a continuação" é o longo desfile de sofrimentos, mágoas, angústias, aflições, ressentimentos, desesperos, embaraços e armadilhas dos quais me torno presa, vivendo então sem trégua sob a ameaça de uma decadência que atingiria ao mesmo tempo o outro, eu mesmo e o encontro prodigioso que no começo nos descobriu um ao outro" (id.)

Cena I: O amor despertará¹⁰

Gabriel está na cemitério. Participa de um velório (o de Almor, amigo seu). Um besouro chama a sua atenção devido a sua raridade. Gabriel é biólogo. No momento em que ele se lança à captura do besouro uma voz o interpela: - "Ah! Meu senhor... o senhor acabou de estragar a minha melhor foto" (p.12). É Luísa, arquiteta que estava fazendo uma série fotos no cemitério. Após um breve diálogo eles trocam telefones porque Luísa havia fotografado o besouro.

O primeiro contato, o encontro inesperado. A foto que vem como o subterfúgio inesperado. O amor surge desta captura. Os olhares de cada um

¹⁰ As cenas não necessariamente correspondem à totalidade de cenas e de enredo do filme. Foram recortadas as cenas que somente, dentro de nossa análise, pudessem trazer uma compreensão ao nosso objetivo. Com isto não dizemos que as demais cenas não são importantes, ao contrário, elas possuem uma importância dentro da totalidade do filme. Todavia, como não é possível reproduzir a riqueza do

denunciara isto: aquele encontro não haveria de ser um mero encontro. "Então, é adeus... Adeus não! Melhor um tchau, né!? Tchau!" (p.14) Para Barthes o amor tem o seu início pelo acaso. "Foram precisos muitos acasos, muitas coincidências surpreendentes para que eu encontre a Imagem que, entre mil, convém ao meu desejo" (1995, p.14).

O primeiro encontro, nesta imagem que é o acaso, libera uma gama de conteúdo transferencial que, sendo positivo, permite a continuidade da captura. Assim, pode ser tudo o início do amor! É por isto que Werther após o seu primeiro encontro dirá ao amigo sobre Carlota: "sou incapaz de dizer quanto ela é perfeita. Basta afirmar-te que dominou todos os meus sentidos" (1996, p.54).

Milan Kundera não pensa diferente. Para ele o amor começa por uma metáfora. Uma imagem, uma noção, um detalhe, um apelo. "O amor começa por uma metáfora. Ou melhor: o amor começa no momento em que uma mulher se inscreve com uma palavra em nossa memória poética" (1983, p.210). O seu detalhe: basta uma palavra, "uma palavra".

Talvez seja por isto que G.H., personagem de Clarice Lispector, vai nos dizer que o que falta para que o amor tenha seu início seja tão somente um "golpe da graça". "O amor é tão mais fatal do que eu havia pensado, o amor é tão inerente quanto à própria carência, e nós somos garantidos por uma necessidade que se removerá continuamente. O amor, já está, está sempre. Falta apenas o golpe da graça - que se chama paixão" (1998, p.170).

O que foi para Gabriel e Luísa a metáfora poética, o golpe da graça, o encantamento... Talvez esses sejam motivos do inconsciente. E o são. A captura é feita sem que saibamos como, apenas nos tornamos conseqüência dela. E foi isto que permitiu que ambos voltassem a se falar. Não mais pela foto, mas pela captura.

O amor tem o seu início no mistério da coincidência. Para o amor iniciar as coisas precisam se coincidirem. *Co*, que quer dizer "junto", mais *incidire*, que quer dizer "cair sobre". O amor tem seu início em um golpe de

filme *in totum* optamos por acontecimentos, cenas não isoladas, mas que não são todo o filme, que fossem cabíveis e imprescindíveis ao trabalho.

sorte. É um achado. Se pensarmos em Freud poderemos dizer que o amor surgiu porque um objeto de prazer foi achado.

Cena II: Depois de despertado, o amor age

Gabriel e Luísa estão no Centro Cultural Banco do Brasil. Eles não têm consciência da presença de cada qual. Com telefones celulares ambos aguardam com anseio a ligação de cada um. Há uma expectativa enorme.

"- Dependendo de como ela atender, eu vou saber se dá pé. SE ela disser: "que Gabriel? "Aí, pronto - pode esquecer. Agora, se ela disser: "Oooooi, Gabriel!!!"- aí, bom, tem jogo". "Existem três tipos de "Alô". Se ele disser: "alô, oi, tudo bem?", é caso perdido. Se ele disser: "alô, Luísa", aí, dá para seguir a conversa. Agora, se ele disser: "Alôôôô, Luísa, tudo bem?, aí, ele se entregou" (p.28).

Na seqüência da captura a expectativa gera uma ansiedade muito grande. Não só há a ansiedade de agradar, como também há o medo de ser rejeitado. O amor inicia pela vontade de correr um risco. Aqui pode surgir um conteúdo de fantasia muito grande. Por exemplo, em um dos momentos o telefone dá sinal de ocupado. Luísa, já enciumada, diz: "deve estar falando com outra!". Mal sabia que era Gabriel tentando ligar para ela.

As fantasias são inevitáveis na relação amorosa. A questão se complica quando o nível fantasioso é capaz de interferir na realidade. O amor não está livre das armadilhas da mente. Talvez, daí, a dificuldade em pensarmos em quem pode ter, ou não, razão em certas circunstâncias amorosas.

Mas as fantasias se aquietaram depois de cada um ser aceito como o "alô" desejado. Vem, então, o encontro, e daí, a magia de que tudo dará certo.

No encontro tudo é perfeito. Tudo, novamente se coincide, o que reforça muito mais a expectativa que um tem do outro. Se o meu objeto está preenchendo todas minhas expectativas, se o meu objeto corresponde ao meu desejo de ser satisfeito, ou seja, de ter prazer deste e neste objeto, então, ele é um objeto bom.

No jantar surgem vários assuntos: política, sexo, signo, música e arte. Todas as coisas se encaixam perfeitamente no que cada um pensa. "Nossa! Que coincidência, né?" (p.33). E é nesta coincidência que o enamorado

projeta no objeto a sensação do "achado perfeito". O pensar igual surge como uma afinação perfeita aos corpos e à alma. Vem à tona o desejo de possuir o objeto que tem "tudo" para me fazer feliz, leia-se: para corresponder àquilo que desejo para mim, para me preencher, para me completar.

Para Barthes este é o momento do *abismar-se*, que é a "lufada de aniquilamento que atinge o sujeito apaixonado por desespero ou por excesso de satisfação" (id., p.9). "Ele nada tem de solene. É exatamente a *doçura*" (id.) Esta era a sensação de Werther ao encontrar o seu objeto perfeito. "Nesses pensamentos, me abismo, sucumbo, sob a força dessas magníficas visões... Eu a verei... Tudo, sim, tudo desaparece diante dessa perspectiva, como tragado por um abismo" (1996, p.112).

O amor começa a se deslocar pelo caminho daquilo que imagino do outro. Como tudo, no início, tem o seu encaixe, o enamoramento provoca no sujeito a sensação de que haverá uma certeza de felicidade.

Mas eis uma ponderação. Imaginar que a coincidência, pelo fato de apontar as coisas que se afinam, fará do ser uma continuidade. O amor é dinâmico e, devido ao seu conteúdo transferencial, ambivalente. É luz e sombra. Mas quando o sujeito se encanta pelo que o outro apresenta, pois tem de haver concordância para que "eu me torne agradável", ele buscará no que a atual realidade apresentou um preenchimento para si. Em outras palavras, o sujeito buscará no objeto um complemento para a vida: um amor que o complete. Mas o amor não deve ser um complemento, antes um suplemento (Cf. LACAN). Cada ser é um ser em si.

Mas se não fosse as possibilidades das coincidências, que torna o outro ser extremamente agradável, pois proporciona uma identificação profunda, o amor não seria possível. Mesmo que os fatos sejam mascarados eles são necessários ao conteúdo identificatório. Eles funcionam como uma cola que vai unir um ao outro. É necessário a identificação ao amor.

Cena III: O Idílio

"Num pequeno apartamento de solteiro, mas cuidadosamente arrumado, Gabriel e Luísa trocam carícias. Os dois estão agitados e

excitados. No quarto, encostados na porta do armário, começam a se despir. Um naco de seio de Luísa surge. Na cozinha, Gabriel carrega Luísa nos braços enquanto ela pega uma garrafa de champanhe na geladeira. Ela abre o champanhe e o serve na boca de Gabriel.

No quarto, Luísa senta-se na sua prancheta de trabalho. Ela arranca os óculos de Gabriel e os dois, já com roupas íntimas, continuam se beijando apaixonadamente. O casal se ama com paixão" (p.55).

"Luísa e Gabriel estão na cama, completamente extasiados. Luísa aninha-se nos braços de Gabriel. Olha para ele, que fala: - *Eu acho que tinha que Ter uma lei especial para um dia como este.* - *Qual?* - *Não tem licença-maternidade, licença-paternidade, um monte de linceça? Então, tinha que Ter uma licença-felicidade. Quando a pessoa se apaixonasse, ela tinha de Ter o dia seguinte inteiro livre, sem Ter que fazer nada, sem Ter que trabalhar.* - *Também acho! Essa lei já tem o meu voto!* Beijam-se apaixonadamente.

Toda a cena é a denúncia de que a paixão envolveu o casal. Que a dinâmica do prazer está tão presente que toda a realidade é percebida como objeto de prazer. Não é sem sentido que ambos desejam uma "fuga", uma licença para usufruírem do momento.

Mas tal circunstância, apesar de toda sua glória, é um preparativo que reserva a outra face. Em outras palavras, depois de saciado, o prazer não tem outro caminho a não ser repousar esperando novamente sua vez. E é neste repouso que a dinâmica amorosa, sem que os enamorados percebam pois tal fato é de caráter inconsciente, se modifica dentro da notoriedade do cotidiano. Por vezes o casal não percebe que "passada a primeira confissão, 'eu te amo' não quer dizer mais nada" (BARTHES, p.97), ou seja, o encanto que todo conteúdo primevo do amor possui nunca há de ser como antes. Ele é sempre reelaborado, reeditado, mas nunca repetido. Isto se dá porque "a cada instante do encontro, descubro no outro um outro eu-mesmo" (id., p.85), isto é, a dinâmica transferencial se intensifica, tanto positivamente quanto negativamente. A relação do prazer, todavia, faz com que o encanto (transferência) crie a sensação de perpetuação do prazer. É a sensação de sonho, de idílio...

Esta sensação da constância do prazer se dá pelo desejo dos enamorados em criar um destino prazeroso, pois, ao assumirem a dinâmica amorosa, assume-se um destino. E o destino que o amor pretende sugerir é um destino paradisíaco. Todavia esta não é a realidade em sua dinâmica. A sensação da perfeita felicidade presente, não nos esquecendo de que felicidade é a coincidência entre desejo e realidade, surge porque nesta trama idílica ambos se comportam na busca de seduzir o parceiro dando o que têm de melhor dentro de cada um, já que o anseio é a identificação, pois sem isto não se ama. Não é sem razão que Luísa vai dizer a amiga: - "*a gente tá se entendendo às mil maravilhas, mas... E se ele não for o que parece?*" (p.66). Para Platão, em O Banquete, o ser humano busca o não existente. Talvez seja por isso que as relações embasadas pela sensação do idílio sejam tão fugazes. "Portanto, a pessoa, e quem quer que deseje alguma coisa, deseja forçosamente o que não possui, o que não tem, o que lhe falta: ora, não são esses justamente os objetos do desejo e do amor?" (apud: id., p.71).

Cena IV: Será que você é...?

"- Então vamos ver se além de bonito e gostoso, você é inteligente... O que quer dizer "sorumbático"?"

- Quer brincar de dicionário, é?... Olha que eu sou bom nisto.
- Então, vai. Não vale olhar!
- Sombrio, triste, macambúzio.
- Muito bem.
- Agora deixa eu fazer!

Gabriel toma o dicionário, folheia rapidamente, lançando olhares ameaçadores para Luísa. Finalmente encontra a palavra.

- O que é... "donaire"?
- Donaire? Pera aí! Hummmmm... eu sei, eu sei: é gentileza, graça, elegância...
- É o meu caso.
- Convencido.

Luísa pega o dicionário de volta e continua.

- "Misoginia"
- Desprezo ou aversão pelas mulheres.
- Diz aí: o que é "dolicocefala"?
- Não vale palavrão, nem baixar o nível, tá?
- Dolicocefala é a pessoa que tem o crânio na forma oval...
- Bom, agora vamos escolher um bem difícil aqui para você. Então é guerra, né?

Luísa procura no dicionário uma palavra bem cabeluda. Finalmente acha:

- Essa você não vai adivinhar: "Poltranaz"?

Gabriel empaca. Seu sorriso triunfante cede lugar a uma expressão de surpresa e dúvida.

- Poltranaz, poltranaz... Você inventou. Isso não existe.

- *Existe sim. Só que você não sabe!*
- *E o que é?*
- *Poltranaz é um sujeito extremamente covarde e medroso. Assim, que nem você.*
- *Tá me chamando de covarde?*
- *Muito covarde! Muito poltranaz...*
- *Minha filha, eu não tenho medo de nada, não!*
- *Não? Nem de mim?*
- *Depende do que você possa me fazer...*
- *Hummm... Tô tendo umas idéias terríveis...*

Ela se atraca com Gabriel, cobrindo-o de beijos. O dicionário fica caído no chão.

Esta cena é de uma grandeza denunciatória imensurável. Tudo não passa de um jogo. É uma clara alusão de que o amor é um jogo. Mas não qualquer tipo de jogo. Não pode haver ganhador, pois quando um ganha os dois perdem. Para Barthes o amor é um jogo de palavras e amar é a expressão de como me porto diante das palavras que são minhas atitudes (1995).

O fato do jogo da cena ser do dicionário é uma alusão lingüisticamente cinematográfica de que cada enamorado possui o seu dicionário amoroso, ou seja, um determinado conteúdo no qual compreendem o amor e agem por esta compreensão, que possui um conteúdo inconsciente de consideráveis proporções.

Por de trás do jogo que cada um elabora está a tentativa de capturar o objeto amado para si. É por isto que a sensação de "perder o jogo", como na cena é demonstrado", cria a sensação de impotencialidade para realizar o jogo do amor. Como diria Barthes, "a língua (o vocabulário) estabeleceu há muito tempo a equivalência entre o amor e a guerra: nos dois casos, trata-se de *conquistar, de raptar, de capturar, etc.*" (p.165). Isto surge porque a gamação precisa do signo da linguagem. Neste sentido, linguagem pode ser uma expressão corporal, uma assimetria, um modo de expressão inconscientemente feito, uma palavra, um suspiro, um sinal, uma característica própria do sujeito, um cheiro, um olhar, enfim, pode ser tudo. Isto surge porque, como diria Lacan, "amamos primeiro um quadro" (*apud*, p.168).

Devido a este jogo ser tão fascinante e perigoso, pois em determinado grau é uma mascaração que o sujeito faz para a conquista, sempre haverá

"um engano do tempo amoroso" (p.169), já que o "fato amoroso (esta da sedução) é um episódio, dotado de um começo e de um fim" (id.).

Com a percepção desta dinâmica, que é tão fugaz e comprometedora, os parceiros vão em busca de um juramento, que nada mais é do que um outro jogo, que possa "garantir" a fixação da sensação idílica.

"Gabriel esfrega as costas de Luísa, que pergunta: - *Então, é pra valer?*

- *Pro que der e vier.*
- *Nas horas boas e nas horas más?*
- *Até que a morte nos separe...*
- *Olha que eu quero viver muito...*
- *Então vamos fazer diferente. Até que o tédio nos atinja, congelando nossos corações... e destruindo esse amor que a gente construiu.*
- *Mas que ele não venha nunca, tá?*
- *Nunca...*

Cena V: Onde está o encanto agora?

Logo após a cena do juramento...

Gabriel está deitado na cama, lendo um livro. De repente Luísa surge diante dele com uma câmara de vídeo. Começa a gravá-lo. Gabriel fica incomodado, reclama:

- *Pára com isso, vai.*
- *Fala alguma coisa!*
- *Falar o quê?*
- *Ah! Sei lá! Qualquer coisa.*
- *Pra quê?*
- *Não dizem que a câmera capta a alma humana? Quero saber como é a sua alma. Fala qualquer coisa. Fala! Olha pra mim!*

Gabriel larga o livro, se ajeita e...

- *O que você quer que eu fale?*
- *Qualquer coisa... desde que seja sincero.*
- *TE amo.*
- *Hum... não foi muito convincente.*
- *Mas é verdade, eu te amo.*
- *É? Não é isso que eu tô vendo aqui pela lente, não...*
- *Às vezes, até as máquinas se enganam... vem cá que eu vou te mostrar um teste mais científico*

Luísa e Gabriel chegam de uma festa. Ela vai para o sofá, tira os sapatos altos e massageia os pés. Gabriel, perturbado, vai até o bar e se serve. Luísa comenta:

- *Legal a exposição... Você gostou? Achei tão bacana o jeito que ele trabalha as cores.*
- *Achei uma merda. Eu acho esse cara um blefe!*
- *Nossa! Não acredito! Ciúme?*
- *Não é ciúme. É senso de ridículo.*
- *Senso de ridículo por quê? Posso saber?*
- *Perder a noite inteira falando sobre um assunto do qual você não entende nada com um cara que entende menos ainda...*
- *Você vai fazer cena só porque eu fiquei conversando um pouco com o cara?*
- *Um pouco? Você passou a noite inteira pendurada no pescoço dele...*
- *Tira o pé do sofá, por favor.*

- E afinal, sobre o que vocês conversaram tanto?
 - A gente conversou sobre pintura, óbvio...
 - ...Assunto que você domina como poucos...
 - Ah é, papai-sabe-tudo? Você é o máximo!
 - Eu sei muito mais do que você pensa....
 - Escuta! Quando eu te conheci, você nem sabia onde ficava o clítoris, tá?
 - ...
 - Que ilusão...
 - Saber onde fica o clítoris tá pro sexo que nem saber a capital da Islândia tá pra geografia
 - Reykjavik.
 - É competição, é? Que mias você sabe? Quem pintou a Capela Sistina?
 - Michelangelo.
 - Quem inventou a máquina a vapor?
 - Watt.
 - Qual é a capital da Mongólia?
 - Ulaanbaatar.
- Gabriel olha para Luísa, furioso. Explode.
- Sabe duma coisa, eu tô com sono, de saco cheio, vou dormir, boa-noite!
 - Boa-noite!

A perspectiva é crucial. A forma pela qual o casal se coloca diante do litígio vai, com certeza, determinar a forma de continuidade da relação. É aqui que a fugacidade do prazer já não sustenta mais a relação. Ela exige uma autenticidade do ser; não mais aquela forma de jogo, mas realmente a forma de ser. Amar passa a ser uma construtividade pois os impulsos negativos que também permeiam o amor começam a se manifestar elaboradamente. Surge, então, o ciúme, a insegurança, a inveja, o contra-senso. Então há uma inevitável alteração na forma da relação. "Alteração: produção momentânea, no terreno amoroso, de uma contra-imagem do objeto amado. No decorrer de incidentes ínfimos ou de ligeiras características, o sujeito vê a boa Imagem repentinamente se alterar e se inverter" (BARTHES, p.19). Assim,

Sobre a figura perfeita e como embalsamada do outro (que tanto me fascina), percebo de repente um ponto de decomposição. É um ponto mínimo: um gesto, uma palavra, um objeto, uma roupa, alguma coisa insólita que surge (que aponta) de uma região de que eu nunca havia suspeitado antes, e devolve bruscamente o objeto amado a um mundo mediocre.(...) Ei-lo que faz um gesto através do qual se revela uma outra raça. (id.)

É deste modo que a imagem do outro fica corrompida. "A Imagem está corrompida, porque aquele que vejo é de repente *um outro* (e não mais o outro), um estranho (um louco?) (id., p.21).

A questão surge com uma força antes não vista, porque nela está incluída a sensação de frustração, de castração do sonho: o outro não é o que a imagem primeva indicou. E uma vez alterada a imagem, altera-se

também o discurso amoroso. A sobrevivência da relação dependerá mais uma vez de como que os objetos lidarão com esta frustração. Como elaborarão a transição entre idílio e a realidade.

Uma vez apreendido o objeto, ou seja, saciado o impulso de captar o objeto, o indivíduo se entrega àquilo que é. Em outras palavras, ele se revela. Daí o motivo de Luísa pensar que Gabriel está fazendo cena. Mas não é questão de cena, é uma questão de recolocar a estrutura do ser em seu lugar, ou seja, descer da transcendência insustentável para a realidade palpável. Neste aspecto, a "cena não tem um sentido, nenhuma avança para um esclarecimento ou uma transformação. A cena não é nem prática ou dialética; ela é luxuosa, ociosa: tão inconseqüente quanto um orgasmo perverso: ela não marca, ela suja" (id., p.38). E a dificuldade surge porque "todo parceiro de uma cena sonha com a 'última palavra'. Falar por último, 'concluir', é dar destino a tudo que se disse, é dominar, possuir, dar, atribuir o sentido" (p.39).

Com as cenas e a fragmentação da ilusão da continuidade do prazer os enamorados captam a mensagem de auto-engano a que estão submetidos como forma de amar. Há de ter um mútuo entendimento na forma de compreender o que existe por de trás de cada *persona* (máscara) do objeto de relação.

Mas diante destas complicações, que acabam sendo a nós inexplicáveis - pois elas "simplesmente" surgem, e toda relação humana possui os seus nós - vem a necessidade de compreensão. A compreensão, para Gabriel e Luísa, vem de uma retomada à ilusão idílica. "- *Luísa, esquece tudo isso. Esquece! Eu não quero nada a não ser ficar com você o resto da vida...*" (p.93). Ora, o resto da vida, é o resto de intervalo que há entre a vida e a morte. Diante da ameaça de uma ruptura (morte) um dos pares se lança ao ímpeto de vida. Contra a morte, somente a vida. Este ímpeto vem do imaginário de abandono. Ao se ver diante da possibilidade da perda, da renúncia do estado amoroso, "o sujeito se vê com tristeza exilado do seu Imaginário" (BARTHES, p.104). Ele tenta fugir do luto amoroso, da possibilidade de se distanciar de "sua fonte" de prazer. Então, sob um novo signo tenta resgatar a possibilidade de amar...

Cena VI: O distanciamento

Barata e Gabriel trabalham no laboratório. O telefone toca. Barata atende.

- *Alô? Oi, tubo bem, Luísa?*

Gabriel faz sinal de que não está lá. Barata enrola.

- *Olha o seu marido está no banheiro. E pelo tempo em que a porta está fechada, deve ter comido coxinha no bar da esquina. Tá bom. Aviso. Um beijo.*

Gabriel e Luísa, isolados, falam alto. Separados por uma parede, o casal estabelece uma luta verbal. Luísa começa:

- *Ele está sempre jogando na minha cara as mulheres que ele teve antes de mim...*
- *Ela tá sempre me jogando na cara que minha performance na cama não é mais a mesma.*
- *Eu não sei o que se passa na cabeça dele. Ele acha que vida afetiva se mede pela quantidade de pessoas com que você já transou, a vida afetiva dele parece assim... uma lista telefônica.*
- *Eu acho chata essa sensação que ela me passa, que depois de cada transa parece que ela vai levantar uma plaquinha com uma nota, que nem naquelas competições de salto, sabe? É sete, dez, nove, oito!...*
- *Não tenho culpa de ter uma vida afetiva mais diversificada que a dela... Eu só fiz uma outra escolha. Ela preferiu ficar esperando um príncipe encantado... eu, não, fui à luta!*
- *É engraçado que têm certos homens que conseguem superar aquele princípio da Física, aquele que diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço num mesmo momento... alguns homens conseguem colocar dois, três, quatro, cinco, dez corpos no mesmo lugar! Impressionante!*
- *Mas elas não estão no mesmo lugar. Elas estão em níveis diferentes. Eu acho mesmo importante a gente experimentar várias coisas, ter várias experiências. Eu acho enriquecedor no nível humano, sentimental.*
- *Isso não é desejo, é gincana... É uma maratona sexual. O que importa não é transa em si, é a quantidade de transas. Pra quê? Os troféus pra você exibir pros amigos? É isso?*
- *Não era Marx que dizia que "quantidade gera qualidade"?*
- *Babaca!*

A continuação do amor que tem por sustentação as imagens do idílio, viabilizadas pelo mecanismo da projeção, uma vez sobreposto sobre a realidade não tem sua eficácia dentro do realismo. É como se o casal tivesse construído uma casa sem rocha, sem edificação. Então o espaço afetivo pode ser comparado a "uma péssima sala de concerto, que comporta recantos mortos, onde o som não circula" (BARTHES, p.150).

Uma vez não coadunada a fantasia com a realidade o impulso de morte é implacável. Como o objeto que não proporciona prazer tende a ser lançado fora, isto é, tende a ser rejeitado, o sujeito a todo momento, porque uma vez alterada a percepção de captar o prazer se altera o discurso amoroso, se pende a não tolerância para fugir daquilo que é a fonte de desprazer.

A questão é que tal vínculo é muito primitivo. Não é um vínculo maduro pois uma vez frustrado não é capaz de lidar com a realidade em frustração. Tais brigas, como as da cena, são feridas narcísicas e fantasias persecutórias; produtos de uma frustração, de uma pseudo-rejeição, de um entendimento torpe da ação do outro (interpretação).

Depois de uma tentativa frustrada - mais uma - de tentar reanimar o objeto de prazer, Luísa se entrega ao álcool numa tentativa desenfreada de: chamar a atenção do parceiro para o seu nível de carência; fugir da realidade que estava sendo uma angústia; e, talvez não finalmente, mas aplacar os conflitos que surgiram no relacionamento. Na justificativa de Luísa para Gabriel: "Estou me sentindo sozinha, porra!" (p.111)

Estamos diante de uma crise. Este ponto é o espaço que mais definirá o futuro da relação, pois crise é uma estrada que se bifurca entre a oportunidade e o abismo.

No momento da crise o casal põe em jogo os vínculos afetivos que os une. Talvez a dificuldade esteja em não saber lidar com aquilo que não seja consciente. Os impulsos contidos na relação amorosa, como em toda relação, têm um caráter de profundidade mental que foge à percepção normal do ser humano. De certo modo isto desencadeia uma nostalgia, que surge no meio da relação, como tentativa de ressuscitar o que está combalido. Todavia, nem sempre as formas de buscar o que se perdeu produz sucesso. Um relacionamento construído em bases falsas tende a desabar pela realidade. Por bases falsas entendemos o conteúdo forte de fantasia que tira a percepção daquilo que o outro realmente é; a presença de um nível constante de projeção; a fuga daquilo que denuncia as dificuldades de cada um.

Isto fica evidente nesta cena: o restaurante é o mesmo do primeiro encontro marcado. Mas bem diferente. Já não há mais coincidências, nem acertos e nem afinação:

A conversa é fragmentada como da primeira vez, só que o assunto é diferente e eles não estão bem-humorados. Gabriel começa:

- *Botafogo, fácil.*
- *Não, isto nunca me aconteceu, não.*
- *É mesmo? Você votou neste cara? Nossa! Difícil acreditar!*
- *Tô achando o Beethoven meio chato. Estou preferindo Mozart.*
- *Pra mim, não. Nenhum dos dois. O Bergman é muito melhor.*
- *Você pode pagar essa conta? Aqui não aceita cartão de crédito...*

- *Ih, acho que eu estou sem cheque...*
- Gabriel derrama algo em cima de Luísa, que, brava...
- *Porra, Gabriel!*

Embora seja o mesmo restaurante a dinâmica do relacionamento é totalmente diferente da que estava presente no cenário inicial. A fragmentação do relacionamento é evidente no diálogo que não produz acerto e nem crescimento. Eles competem entre si, se opõem, se dispõem aversamente um ao outro, há uma agressão tácita, sendo tudo isto um modo de rejeição.

Mas esta rejeição não é de todo certa. Ela é mais uma ação precipitada pelo fato de ambos não saberem lidar com a diferença que cada um possui. E o amor, na verdade, só tem o seu início no momento onde começo entender a virtude oposta do outro. Porque o que dá prazer é muito exato, não exige nada, é tomar dele e pronto, é lucro sem esforço nenhum. O prazer contido no "big-bang" da relação não é prazer que veio pela disciplina, pelo respeito, pela arte de amar; porém é um prazer que está embutido no imediatismo da satisfação de um impulso. É por isto que agora, tanto um quanto outro, não pedem mais pra si uma "licença-felicidade", ao contrário. Diz Gabriel: "*Não tenho tesão nenhum...*" (p.127); e Luísa, ao dormir, tem o seguinte pesadelo: "Luísa mergulha numa piscina, amarrada numa camisa-de-força. Debate-se muito. Quando parece que vai se afogar, Luísa consegue se soltar da camisa-de-força e emergir" (131).

O significado deste sonho, que na verdade é um pesadelo, aponta para os conflitos internos do casal. O mergulho na piscina é uma situação onde há a privação da vida, uma vez que não se pode respirar. Talvez seja devido as cobranças que foram impostas para si. Estas cobranças estão simbolizadas na camisa-de-força, isto é, naquilo que não permite a mobilidade e a ação. É uma relação que atou a ação de cada um. O fato de Luísa conseguir sair da piscina e emergir é o simbolismo de um novo nascimento, ou seja, a busca de um desejo de que as coisas possam ganhar um novo sentido, mas não sendo o da morte.

Esta vontade de nascer de novo é patente na cena que segue:

- Enseada de Botafogo, fim de tarde. Luísa está sentada numa pedra, pés descalços e molhados. Está triste. Gabriel se aproxima.
- *Que é que foi? Aconteceu alguma coisa?*

- *Tô achando tudo uma merda, Gabriel. A gente, o casamento. Eu acho que não vale a pena continuar. Eu acho que a gente tá se enganando...*
- *Que é isso, Luísa? A gente se ama, não é?*
- *Você acha que a gente tá legal? Fala sinceramente, você acha que a gente é feliz?*
- *Eu acho que a gente tá passando por uma crise, que é coisa que passa...*
- *Será?*

Gabriel berra.

- *Juro por tudo quanto é sagrado!*
- *Pára! Tá todo mundo olhando!*
- *Luísa, eu faço qualquer coisa, prometo qualquer coisa pra gente ficar junto pra sempre...*
- *Olha que eu cobro, hein?*
- *O que você quiser...*
- *Promete que vai me amar sempre?*
- *Prometo!*
- *Promete que você vai cuidar de mim?*
- *Palavra de escoteiro!*
- *E vai parar de interromper quando eu tô falando?*
- *Tá começando a ficar difícil, mas eu vou me esforçar...*
- *E vai me dar pelo menos três orgasmos por semana? E vai parar de olhar para a bunda das mulheres no meio da rua? E vai parar de roncar também?*

A expressão de Gabriel vai mudando conforme ele vai percebendo que a lista de reivindicações de Luísa está longe de terminar. (p.134)0

A tentativa de um novo nascimento, como presente no conteúdo do inconsciente, busca, neste diálogo, a possibilidade de sua efetivação. O sujeito apaixonado busca um signo que possa garantir este desejo. Mas esquece que "não tem à sua disposição nenhum sistema de signos seguros" (BARTHES, p.178). Nietzsche que gosta de inverter toda ordem nos dizer que "é o futuro que dita a regra sobre o nosso hoje" (1983, p.90), como Luísa anseia por um futuro que lhe dê segurança ela busca, pela ação, um signo que lhe possa garantir tal segurança: o signo da promessa, do juramento. Todavia, "os signos não são provas, pois qualquer um pode produzir signos falsos ou ambíguos" (BARTHES, p.179).

As garantias procuradas para assegurar uma relação afetiva não passam de fantasias que pretendem dominar a força de uma insegurança. O casal está abalado. A forma de amar teve por base um conjunto muito grande de fantasias. O impulso de morte já ronda, há tempos, a comunicação e as atitudes do casal. Há o medo da perda, o que fica evidente nas juras que funcionam como uma preservação paliativa para a situação. O que pode restar ao casal?

Cena VII: A separação

Gabriel assiste a um western na TV. Luísa trabalha na prancheta. Ela reclama.

- *Você podia abaixar essa porra dessa televisão que está me atrapalhando?*
- *Não. Eu quero saber quem vai matar o xerife.*
- *O xerife não morre nunca, meu filho.*
- *É.. que nem mulher chata.*
- *Pelo jeito, você não ia chorar muito, né?*
- *Ia. Você não tem seguro de vida.*
- *Você sabe que eu já quis muito que você morresse? Mas agora já passou. Agora eu só quero me separar de você. Se você morresse, ia ser mais fácil pra mim, porque aí, eu não ia ter que admitir a grande merda que eu fiz na minha vida. Você morreria, eu posava de dedicada, deixava passar uns dias e ia cuidar da minha vida. Mas nem essa gentileza você fez o favor de me fazer.*
- *Quem sabe, um dia desses, um dos dois vai fazer esse favor por outro.*
- *Será? Mas aí, já vai ter passado tanto tempo, que a gente já vai estar separado. Já não vai ter tanta graça.*
- *Cê sabe que eu não perco a esperança?*
- *Ah, é? Que bom! (p.139)*

O apartamento está vazio. Sem mobília, abandonado. Lar desfeito. Um sapato virado, uma meia jogada, roupas abandonadas pelo chão. Luísa está sentada num canto, triste. Olha o apartamento vazio. Anda pela sala. Contém o choro. Senta-se de novo, encosta na parede da sala vazia.(p.143)

Gabriel está sozinho num pequeno quarto todo bagunçado, feio. Deitado na cama, bebe uma cerveja e assiste à televisão. Inquieto, se levanta. Gabriel sente-se meio largado, meio abandonado. Olha para a televisão. Imagens em preto-e-branco de pára-quedas caindo, explosões no espaço sideral. Gabriel não presta a menor atenção. Subitamente, a imagem da televisão muda. Entra a imagem de um vídeo caseiro, onde Luísa aparece sorridente. Gabriel olha para aquele rosto, emocionado. Melancolia.

Gabriel queima a foto de Luísa.

Escritório vazio. Um pequeno refletor ilumina a mesa onde Luísa trabalha. Está exausta.

Amar a fantasia. Amar o invólucro. Amar pelo idílio. Amar o sonho de amor. Quando amamos, o que é que amamos? "Eu quero mais do que o invólucro que também amo. Eu quero o que eu Te amo" (LISPECTOR: 1998, p.138). As dimensões do amor são estranhas. Constróem enquanto a sensação de prazer corresponde ao desejo; destróem quando o objeto ameaça.

A mulher se tornou chata para Gabriel. O homem se tornou um morto-vivo. Por analogia ambos se mataram com as palavras do diálogo.

Vem, então, a sensação de vazio. O escritório está vazio. A televisão está vazia, pois além do aspecto preto-e-branco, ela não chama a atenção.

Tudo repercute a forma de amar. A imagem do outro é destruída, queimada, pois a imagem persegue o objeto. É um medo. E este medo por transferência vem do medo da auto-destruição. Sem o parceiro há a solidão. É o medo de um novo nascimento. Angústia. "*Angustia*: nasceu do verbo latino *angere*, que significa apertar, sufocar. Assim, no seu nascedouro, angústia queria dizer *estreiteza*" (ALVES: 1998, p.129).

O sujeito que buscou no amor uma metade, um complemento, quando a relação termina se sentirá como não por inteiro. Como disse Luísa: "*é como se tivesse pela metade*" (p.151). O amor é suplemento.

Mas o impulso de vida haverá de ser maior que a morte. E o que é queimado poderá ser utilizado como cinzas para adubar o novo amor. A magia do recomeçar é o que deve perseguir o amor - o afinar e o desafinar; o colocar-se na travessia.

Gabriel e Luísa, em depoimentos entrecortados, refletem sobre o fim da relação. Ele começa falando...

- *Depois que acaba? Bem... A primeira sensação é de alívio, a gente relaxa, é bom voltar a ser solteiro, sem hora pra chegar, um mundo inteiro a ser explorado, é um pouco como se a gente voltasse a ser garoto, só que sem mão pra regular. Mas depois, meu amigo... depois...*
- *Depois vem a saudade. Aí, você começa a perceber que as coisas ruins, que a'te as coisa chatas da relação tinham sua graça. Quando ele vinha com aquele jeito de papai-sabe-tudo pra esconder uma insegurança...*
- *... ou quando descobre que não consegue dormir, a não ser com aquele ronronar dela nos teus ouvidos, aquele ronquinho gostoso...*
- *... parecia um menino, teimoso, mimado, infantil...*
- *Mas tão doce, tão suave... linda!*
- *Adorável... especial...*
- *Linda...*
- *... é triste você perceber que perdeu tudo isso...*
- *... como se a gente tivesse sido incompetente, sei lá....*
- *... dá uma sensação de vazio...*
- *Derrota.*
- *Tristeza.*
- *Dor.*
- *Mas o fim é assim, não é? (p.163)*

Surge o momento do renovo. Claro que as marcas que ficaram nos corpos e nas mentes deixam na vida de cada um deles um roteiro de amor que foi vivido. Mas este viver é um viver que lhe cabe um exame. A fala revela a sensação, que fica e se transforma, de que em toda relação há a possibilidade de aprender o amor. E quiçá, aperfeiçoar tal modo de amar em uma próxima relação.

CONCLUSÃO: "NAVEGAR É PRECISO"

"...Como se a gente tivesse sido incompetente..." A fala é a notoriedade de que amar é uma arte. Estar apto a amar, nunca estaremos. Buscamos esta perfeição em nossos modos de relação. Buscamos sempre a capacidade de nos tornarmos mais competentes. A sermos andarilhos prevenidos nos caminhos do coração. Já dizia o Fernando Pessoa que os caminhos estão dentro de nós: "Ah! os caminhos 'stão todos dentro de mim. Qualquer distância ou direção, ou fim. Pertencem-me, sou eu. O resto é a parte de mim que chamo o mundo exterior..."(1981, p.18). Saber amar é saber vasculhar os caminhos primeiros que estão em nós. Os por quês que nos levam em determinadas direção.

Mas qual direção? Portar-se em amor amadurecido é entender a fragilidade de nosso par. É fugir da onipotência que muitas vezes, porque exigimos de nós, desejamos extrair do outro. Por vezes o outro se transforma em inferno não pelo que é, mas sim pelo que fazemos dele.

É preciso entender que nenhuma fonte é eterna. O prazer em totalidade, como idílio mesmo, tem sua função e sua plenitude, mas não é tudo. Nietzsche lançava uma desconfiança às razões de seu coração e se indagava: "Ao me casar, serei capaz de conversar come esta pessoa pelo resto de minha vida?". A construtividade do amor vem pela construtividade do ser, porque amar é conjugar palavras, corpos, desejos... mas não podemos fazer isto caso não saibamos nos conjugar.

A responsabilidade, o cuidado, o respeito de que tanto Fromm defende não devem ser imposturas de uma ação que é interesseira, ou seja, porque desejo amar farei tal coisa. O fazer vem pela espontaneidade do amor.

A humanidade tem vivido dentro de uma conjuntura onde os aspectos que circundam a vida são forjados para facilitar o andamento capital de cada um de nós. Assim, cada vez mais os veículos são rápidos; a comunicação rápida e fácil; os acessos aos bancos se dão via telefone e pelos terminais computadorizados; a geração do "descartável" onde até comida é "fast"; a geração de possibilidade inovadora: na genética, na física, na medicina... A humanidade, em tenra idade, caminha para um facilitar das coisas. Mas as relações humanas não possuem esta lógica. A lógica é outra, embora sejamos influenciados pelo todo social. Não se pode viver em relação humana as exigências das respostas rápidas de uma comunicação virtual. Tentamos fazer que o outro se enquadre na dimensão da materialidade. Desejamos materializar o outro conforme o nosso desejo.

Dentro deste contexto surge uma conseqüência infernal. O que não me agrada lanço fora. As opções são muitas dentro desta lógica. O esquema do mercado, a forma capital, é o esquema da concorrência, da livre-escolha, do acesso à variedade. Em meio a este turbilhão de trama relacional o ser humano acaba sendo associado a ele. Então, se alguém não se encaixa ao meu desejo mercadológico de amor é fácil mudar de "produto."

Os impulsos que são inerentes à condição de amar estão em estado bruto que precisam ser dimensionados de acordo com nossas experiências. Talvez possamos arriscar a dizer que só aprendemos a amar na medida que

amamos. E temos de amar nas possibilidades da existência. Neste sentido o poeta já havia ironizado: "Quem amo não existe" (id). Não amamos uma perfeição que não existe. Temos de amar o que se coloca como conjunto existencial perante nós. O ser humano é uma possibilidade concreta, mas que nem sempre o é conforme a nossa realidade não concreta, ou seja, conforme nossos desejos e fantasias.

Não podemos nos esquecer jamais que tudo em nós é o ponto onde estamos (cf. PESSOA, id.). E onde estamos para o amor e o amar? E onde estaremos amanhã? O amor não é um sentimento que existe por si e em si mesmo, o amor é forjado na relação. Como nos colocamos na dinâmica da relação indicará como que o amor terá possibilidades de caminhar.

Estamos sempre entre o hiato de um começo e de um fim. Viver mesmo é o que nós fazemos disto, inclusivo da morte, e isto depende de nossa escolha, de nossa de(cisão). O amor se dispõe entre os intervalos do que somos e de como vivemos. Este intervalo pode ser aumentado ou diminuído; mantido ou modificado; extinto o tonificado; vivo ou morto. No intervalo está a folha em branco onde poderemos traçar, escrever, rascunhar o amor. Nisto tudo depende de como cada qual escreve, como cada um vive. Mas não esqueçamos que "viver é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo (1971, p.443). E não seria assim com o amor?

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALVES, Rubem A. Concerto para corpo e alma. Campinas: Papyrus, 1998.
- Id. Os Morangos. São Paulo: Paulos, 1987.
- ARNAUD, Yves S. A Dinâmica do Amor. São Paulo: Paulos, 1984. 3ª ed.
- BARTHES, Roland. Fragmentos de um Discurso Amoroso. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. 13ª ed.
- COSTA, Jurandir Freire. Sem Fraude, Nem Favor: estudos sobre o amor Romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- D'ANDREA, Flavio Fortes. Desenvolvimento da Personalidade. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1991. 10ª ed.
- ELIAS, Nobert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FREUD, Sigmund. Contribuições à Psicologia do Amor. (1910) in Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago.
- Id. Os instintos e suas vicissitudes. (1915)
- Id. O Mal-Estar na Civilização. (1930)
- Id. A Teoria dos Instintos. (1940)
- Id. A Mente e Seu Funcionamento. (1940)
- FROMM, Erich. A Arte de Amar. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- GOETHE, Johann W. Os sofrimentos de Werther. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 6ª ed.
- KUNDERA, Milan. A Insustentável Leveza do Ser. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- LIMA, Luiz Tenório O. Enquanto as mulheres mandam, os homens fazem
O que têm vontade. Rio de Janeiro: Globo, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. A Paixão Segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MÁRQUEZ, Gabriel García. O Amor nos Tempos do Cólera. Rio de Janeiro
Record, 1985.

NIETZSCHE, F. W. Além do Bem e do Mal: Prelúdio de Uma Filosofia do
Futuro. São Paulo: Hemus, s/d. 5ª ed.

PESSOA, FERNADO. Poesias Coligidas. Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 1981.

ROSA, João Guimarães. Grande Serão: Veredas. Rio de Janeiro: José
Olimpio Editora, 1971. 8ª ed.

SEGAL, Hann. Introdução à Obra de Melaine Klein. Rio de Janeiro:
Imago,
1975.

TORERO, José Roberto & Halm, José. Pequeno Dicionário Amoroso.
Rio de
Janeiro: Objetiva, s/d. 5ª ed.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALVES, Rubem A. Concerto para corpo e alma. Campinas: Papyrus, 1998.
- Id. Os Morangos. São Paulo: Paulos, 1987.
- ARNAUD, Yves S. A Dinâmica do Amor. São Paulo: Paulos, 1984. 3ª ed.
- BARTHES, Roland. Fragments de um Discurso Amoroso. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. 13ª ed.
- COSTA, Jurandir Freire. Sem Fraude, Nem Favor: estudos sobre o amor Romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- D'ANDREA, Flavio Fortes. Desenvolvimento da Personalidade. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1991. 10ª ed.
- ELIAS, Nobert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FREUD, Sigmund. Contribuições à Psicologia do Amor. (1910) in Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago.
- Id. Os instintos e suas vicissitudes. (1915)
- Id. O Mal-Estar na Civilização. (1930)
- Id. A Teoria dos Instintos. (1940)
- Id. A Mente e Seu Funcionamento. (1940)
- FROMM, Erich. A Arte de Amar. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- GOETHE, Johann W. Os sofrimentos de Werther. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 6ª ed.
- KUREISHI, Hanif. Intimacy. London: Faber and Faber, 1998.
- KUNDERA, Milan. A Insustentável Leveza do Ser. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- LIMA, Luiz Tenório O. Enquanto as mulheres mandam, os homens fazem
O que têm vontade. Rio de Janeiro: Globo, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. A Paixão Segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- MÁRQUEZ, Gabriel García. O Amor nos Ttempos do Cólera. Rio de Janeiro
Record, 1985.
- NIETZSCHE, F. W. Além do Bem e do Mal: Prelúdio de Uma Filosofia do
do
Futuro. São Paulo: Hemus, s/d. 5ª ed.
- PESSOA, FERNADO. Poesias Coligidas. Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 1981.
- ROSA, João Guimarães. Grande Serão: Veredas. Rio de Janeiro: José
Olimpio Editora, 1971. 8ª ed.
- SEGAL, Hann. Introdução à Obra de Melaine Klein. Rio de Janeiro:
Imago,
1975.
- TORERO, José Roberto & Halm, José. Pequeno Dicionário Amoroso.
Rio de
Janeiro: Objetiva, s/d. 5ª ed.
- ZOLA, Émile. Como se Casa, Como se Morre. São Paulo: Editora 34, 1999.